

Lélia Gonzalez na formação docente: narrativas para uma práxis pedagógica decolonial

*Lélia Gonzalez en la formación docente:
narrativas para una praxis pedagógica decolonial*

*Lélia Gonzalez in teacher education:
narratives for a decolonial pedagogical praxis*

Janaina Melques Fernandes¹
Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

Rafaela Camargo dos Santos²
Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

Isabella Pereira Yamamoto³
Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

Mariangela Camba⁴
Universidade Metropolitana de Santos, Brasil

Resumo

Este relato tem o objetivo de compartilhar as vivências e aprendizagens de estudo da obra de Lélia Gonzalez “Por um Feminismo Afro-latino-americano” no contexto de formação inicial docente. Fundamentada na pedagogia Freirena e na abordagem decolonial, descreve um processo que busca a valorização das epistemologias e referências silenciadas pela perpetuação da colonialidade. O processo utilizou-se de círculos de cultura, elaboração de resenhas e produção de uma série de podcasts sobre decoloneidade produzida pelos estudantes-autores. O estudo destaca a importância do giro decolonial e de referências como Lélia Gonzalez na formação docente e dentro do currículo acadêmico, reivindicando a reparação histórica do silenciamento das narrativas e saberes colonizados. No processo pedagógico relatado, observou-se a ampliação e aprofundamento da compreensão de mundo por parte dos estudantes-autores, culminando na criação de um material em áudio disponível gratuitamente, compartilhando referências importantes para a valorização e compreensão aprofundada das epistemologias decoloniais e sua relação com a formação de professores.

Palavras-chave: Pedagogia decolonial; Lélia Gonzalez; formação docente.

¹ Mestra em Educação pela Universidade 9 de Julho. Professora de Educação Física da Rede Municipal de Santos e Professora do Curso de Pedagogia da UNIMES. E-mail: janainamelques@hotmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-3605-5155>.

² Estudante do curso de licenciatura de Pedagogia e estagiária na rede privada de Santos. Serviço Social da Indústria - SESI; Universidade Metropolitana de Santos – Unimes. E-mail: rafaela.camargo201@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-1313-0442>.

³ Estudante do curso de licenciatura em Pedagogia. Universidade Metropolitana de Santos - Unimes. E-mail: isyamamt2@gmail.com - ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8784-6778>.

⁴ Doutora em Educação (Políticas de Avaliação) pela Universidade de Campinas. Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia e do Programa de Residência Pedagógica - PRP/CAPES. E-mail: mariangela.camba@unimes.br - ORCID: <https://orcid.org/0009-0000-9541-1010>.

Resumen

El informe tiene como objetivo compartir las experiencias y aprendizajes del estudio de la obra de Lélia Gonzalez “Por un Feminismo Afro-latinoamericano” en el contexto de la formación inicial docente. Basado en la pedagogía freireana y en el enfoque decolonial, describe un proceso que busca la valorización de las epistemologías y referencias silenciadas por la perpetuación de la colonialidad. El proceso utilizó círculos de cultura, la elaboración de reseñas y la producción de una serie de podcasts sobre la decolonialidad producida por los estudiantes-autores. El estudio destaca la importancia del giro decolonial y de figuras como Lélia Gonzalez en la formación docente y en el currículo académico, abogando por la reparación histórica del silenciamiento de las narrativas y saberes colonizados. En el proceso pedagógico descrito, se observó una ampliación y profundización de la comprensión del mundo por parte de los estudiantes-autores, culminando en la creación de un material de audio disponible gratuitamente, compartiendo referencias importantes para la valorización y comprensión profunda de las epistemologías decoloniales y su relación con la formación de profesores.

Palabras-clave: Pedagogía decolonial; Lélia Gonzalez; formación docente.

Abstract

The account shares the experience of studying Lélia Gonzalez's work “Por um Feminismo Afro-latino-americano” in the context of initial teacher education throughout the year 2022. As a final production, a series of podcasts on decoloniality produced by the students was published. It narrates the voices of a collective construction with the purpose of strengthening the sought-after goals: the affirmation of diversities, the appreciation of epistemologies erased by the perpetuation of colonial tools, the development of new pedagogical paths with teachers in initial training. It expresses the process of awareness-raising among participants through the study of the work, as well as the pursuit of a decolonial pedagogical praxis.

Keywords: Decolonial Pedagogy; Lélia Gonzalez; teacher education.

1 INTRODUÇÃO

No âmbito da formação inicial de professores no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Metropolitana de Santos (UNIMES) em Santos – SP, surgiram desafios e oportunidades relacionados à promoção de uma educação antirracista e decolonial. Este artigo se propõe a compartilhar os relatos de experiências colaborativas e aprendizados das autoras, estudantes e professora que surgiram durante a participação no componente curricular “Grupos Cooperativos de Estudos” em 2022, envolvendo os alunos matriculados oriundos dos 1º, 2º e 3º semestres. Esta experiência foi pautada na análise da obra “Por um Feminismo Afro-latino-americano”, uma coletânea de produções da intelectual negra brasileira Lélia Gonzalez (2020), centrando-se na temática da decolonialidade.

Partiu-se do seguinte questionamento: de que maneira as ideias de Lélia Gonzalez, uma figura central no movimento do feminismo negro brasileiro e defensora das epistemologias decoloniais, impactou positivamente a formação inicial das

estudantes-autoras contribuindo para a promoção da educação antirracista e a desconstrução das estruturas coloniais ainda presentes na sociedade e na educação? Dessa maneira, o objetivo deste artigo é compartilhar as experiências e reflexões das autoras que construíram dialética e igualitariamente, e não de forma hierarquizada, o processo de formação inicial de professores, destacando como a teoria se traduziu em prática e influenciou suas perspectivas, crenças e ações no contexto da educação antirracista e decolonial.

As reflexões apresentadas estão fundamentadas nas ideias de Lélia Gonzalez (2020), Paulo Freire (1967) e Luiz Rufino (2021).

“O termo decolonial deriva de uma orientação teórica reivindicada por um grupo de pensadoras e pensadores latino-americanos que sai em defesa de um pensamento crítico a partir dos subalternizados pela modernidade capitalista” (Rufino, 2021, p.41). Portanto, compreender a decolonialidade exige o entendimento das dimensões da colonialidade, refletir sobre seus efeitos, tanto da vida objetiva, quanto subjetiva. Trata-se de propor caminhos para a criação de estratégias para combater a perpetuação da colonialidade. Nesse sentido, a germinação de pedagogias decoloniais se fazem necessárias e urgentes, para que sua força acesse o maior número de espaços e pessoas, das escolas e demais ambientes de aprendizagens de toda ordem (Mouján; Carvalho; Ramos Júnior, 2020). Tecer relatos de experiências decoloniais na formação inicial de professores movimenta a abertura de caminhos para os processos de afirmação das vidas e das comunidades, na luta contra a colonialidade, a padronização ocidental do conhecimento e a violência epistemológica que se naturaliza desde os primeiros anos de escolarização das pessoas.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

O estudo e aprofundamento na obra “Por um Feminismo Afro-latino-americano” (2020), de autoria da intelectual negra brasileira Lélia Gonzalez, partiu dos seguintes questionamentos: qual é o papel da formação inicial de professores na construção de uma identidade docente crítica, antirracista e feminista? Quais são as contribuições da implementação de pedagogias decoloniais na formação inicial de professores?

Diante desse quadro, foi necessário reconhecer o papel fundamental

desempenhado pela formação inicial de professores na trajetória profissional dos educadores. Segundo Imbernón (2001) é na formação inicial de professores que se constrói a identidade docente, sobretudo na superação de estereótipos e imagens da profissão difíceis de serem superados. É também na formação inicial que ocorrem as mudanças na atuação dos futuros professores construírem e elaborarem os valores, atitudes e funções relativas à docência. A caminhada profissional docente se constitui a partir de conflitos e desafios no cotidiano profissional, em função dos padrões cristalizados pela história da educação, cujos valores e práticas privilegiam a instrumentalização e a meritocracia em detrimento da dialogia da emancipação.

Portanto, um estudo minucioso e comprometido com a formação docente tem como premissa alicerçar-se em epistemologias que rompam com as diversas formas de exclusão e violência que se manifestam nos percursos educativos. Para tanto, a Pedagogia Freireana foi a base para a estruturação da práxis pedagógica aqui relatada. Fundamentar a metodologia dos estudos sobre Lélia Gonzalez e a decolonialidade com Pedagogia Freireana, é o exercício da práxis pedagógica, sobretudo por estar integrada aos estudos decoloniais (Rufino, 2021).

As pesquisas de cunho decolonial têm desvendado as origens das opressões, destacando que a emancipação dos sujeitos está inextricavelmente ligada à análise da realidade e à compreensão da persistência de relações coloniais nas esferas social, econômica e política.

Diante da relevância da leitura crítica da realidade, novos caminhos se delineiam a partir da pluralidade de saberes que foram historicamente silenciados e que agora ressurgem e são reinterpretados no processo de construção do conhecimento científico e na prática pedagógica. Essa perspectiva, que incorpora os diferentes marcadores sociais, como classe, gênero e raça, constitui a decolonialidade: uma abordagem de pesquisa abrangente que estimula o desenvolvimento de novas teorias e práticas em resposta às estruturas de poder e violência inerentes ao cenário de sofrimento frequentemente associado ao projeto de modernidade (Mignolo, 2010).

A fim de garantir a fidedignidade deste relato em relação ao processo pedagógico, adotou-se uma abordagem colaborativa, permitindo a expressão das vozes das alunas e da professora. Este enfoque foi fundamental para valorizar o que se almeja alcançar: a promoção da diversidade, da pluralidade de perspectivas e da

difusão das teorias decoloniais na prática educativa.

O processo pedagógico descrito neste artigo ocorreu ao longo de 2022 e adotou uma abordagem baseada nos princípios da Pedagogia Freireana e nos estudos decoloniais. Os recursos freireanos, como os círculos de cultura, foram utilizados como metodologia para explorar os temas presentes nos textos de Lélia Gonzalez e de outros autores relevantes, como Krenak (2020) e Rufino (2021), fomentaram as discussões sobre a relevância das epistemologias negras e indígenas na construção do conhecimento e na formação dos professores.

O processo de aprendizagem envolveu várias etapas, começando com a leitura dos textos e discussões em círculos de cultura. Cada estudante foi responsável por selecionar um capítulo da obra de Lélia Gonzalez, elaborar uma resenha e compartilhar suas compreensões com o grupo. Em seguida, os estudantes foram organizados em grupos para a produção de uma série de podcasts intitulada “Encontros Decoloniais” (Educast, 2022). Essa produção envolveu a criação da identidade da série, a definição dos temas dos episódios e a elaboração de roteiros. Durante todo o processo, a professora orientou e mediou as atividades em sala de aula.

Como produto final, a série “Encontros Decoloniais” foi publicada, composta por quatro episódios: Episódio 1 – A descoberta da colonização – quem descobriu o Brasil?; Episódio 2 – Bem-vindes ao mundo de Lélia; Episódio 3 – Influências negras e Episódio 4 – Inspirações Decoloniais. Os episódios estão disponíveis nas plataformas Anchor e Spotify (Educast, 2022). Eles favorecem a disseminação de uma educação antirracista e decolonial, promovem diálogos críticos e construtivos sobre a história contemporânea e o protagonismo negro, levando a discussões significativas em salas de aula, grupos de estudo e na sociedade em geral. Além disso, impactam a formação de professores ao destacar as narrativas dos estudantes, inspirando outros educadores a refletirem sobre suas práticas pedagógicas, tornando-as mais inclusivas e decoloniais. Os episódios também fortalecem a identidade da cultura afro-latino-americana, buscando promover a superação estereótipos e preconceitos. A menção de “Encontros Decoloniais” nas plataformas facilita o acesso a uma variedade de perspectivas e saberes que são sub-representados na academia e na mídia convencional. Desta forma, a série de podcasts “Encontros Decoloniais” tem o

potencial de desempenhar um papel importante na educação, conscientização e promoção de uma abordagem mais inclusiva e decolonial na formação de professores e na sociedade em geral.

Nos próximos tópicos serão apresentadas as narrativas dos estudantes que participaram desse processo, destacando suas vivências e reflexões em busca de uma formação de professores semeadora das pedagogias decoloniais.

3 NARRATIVAS

3.1 O Meu Reconhecimento Como Mulher Negra Acadêmica – Rafaela Camargo dos Santos

Ler histórias de mulheres negras é uma forma poderosa de reconhecer a minha história – e das mulheres da minha família. E foi na Universidade que acessei a leitura de mulheres negras. Todo meu processo de escolarização se forjou na escola pública. Situada em um bairro periférico, a falta de infraestrutura e as práticas pedagógicas conhecidas como tradicionais (e, portanto, coloniais) influenciaram muito a minha formação. Sempre estive em uma posição passiva como estudante, sem espaço de voz e consciência para questionar as propostas e práticas valorizadas. Por ser uma jovem negra, de baixa renda e fora do padrão estético legitimado pela estrutura racista, a realidade se manifestava, para mim, diferentemente do que muitos diziam.

Em relação à interação social, tanto com os colegas quanto com os professores, sempre me senti inferior e sem capacidade de ser a “aluna inteligente” da sala, conquistando um espaço de valor nas relações da escolarização. A manutenção deste pensamento era muitas vezes reforçada pelos estudantes e algumas vezes até por professores. Diante desta experiência cotidiana, acabei me tornando uma pessoa retraída e convicta de que a escola não era pra mim, mesmo tendo muito interesse em produções textuais e músicas.

A entrada no Ensino Médio chegou com responsabilidades. Trabalhando desde os 16 anos, muitos desafios poderiam me levar ao desânimo, mas foi o encontro com alguns professores e estudos – sociologia e história – que abriram meus caminhos para eu enxergar possibilidades e sentido nos estudos – mesmo que não representada, como mulher negra, no repertório oferecido pela escola. Por meio do

diálogo com meus professores, vi que suas realidades se aproximavam da minha enquanto eram adolescentes: homens negros, de periferia e com um contexto familiar próximo ao meu. Quando aconteciam essas rodas de partilha, sentia-me acolhida e de alguma forma aquilo continuava me incentivando a continuar no ambiente escolar; naquele momento e futuramente.

Foi com o acesso à universidade que a minha leitura de mundo (Freire, 1967) efetivamente se transformou. Nas aulas que rompiam com os moldes tradicionais, sobretudo nos estudos decoloniais, fui incentivada a participar e me expressar, fortalecendo a confiança e o entusiasmo para continuar a aprender, vencer os medos de colocar minha voz em público. Foi muito mais fácil do que me diziam. Estudar mulheres negras com repertórios iguais aos meus foi muito emocionante. Ler e conversar sobre o livro de Lélia Gonzalez “Por um feminismo afro-latino-americano” foi algo enriquecedor para minha trajetória, pois pela primeira vez me identifiquei com a produção de uma autora. Poder dialogar e entender explicitamente cada verso de Lélia no meu cotidiano me fez despertar em vários sentidos: como, cidadã, estudante e mulher negra.

A obra de Lélia Gonzalez denuncia as dimensões do racismo e da perpetuação das violências coloniais, uma obra que anuncia os caminhos para a superação das opressões, escrita por uma mulher negra brasileira, e portanto, representando a voz de quem enfrenta um triplo processo de discriminação:

Quanto à mulher negra, que se pense em sua falta de perspectiva quanto à possibilidade de novas alternativas. Ser negra e mulher no Brasil repetimos, é ser objeto de tripla discriminação, uma vez que os estereótipos gerados pelo racismo e pelo sexismo a colocam no mais baixo nível de opressão. Enquanto ser homem é objeto da perseguição, repressão e violência policiais (para o *cidadão* negro brasileiro, desemprego é sinônimo de vadiagem; é assim que pensa e age a polícia brasileira), ela se volta para a prestação de serviços domésticos junto às famílias das classes média e alta da formação social brasileira (Gonzalez, 2018, p. 97).

Aprofundar os estudos no capítulo chamado: “Ora Yê Yê Ô!” – saudação à orixá Oxum para religiões de matrizes africanas ou diaspóricas – trouxe não só o conhecimento acadêmico, mas também o meu autoconhecimento, já que a escrita e pensamento de Lélia se ligavam ao meu em vários momentos. Quando Lélia escreve:

O que conta para ser uma Negra Ilê é a dignidade, a elegância, a articulação harmoniosa do trançando do cabelo com o traje, o dengo, a leveza, o jeito de

olhar ou de sorrir, a graça do gesto da quebrada de ombro sensual, o modo doce e altaneiro de ser etc. E se a gente atentar bem para o sentido de tudo isso, a gente saca uma coisa: a Noite da Beleza Negra é um ato de descolonização cultural (Gonzalez, 2020, p. 216).

Me traz a reflexão e a notoriedade de pertencimento enquanto mulher negra. Encontrar as palavras de Lélia Gonzalez me esperanças – do verbo esperar (Freire, 1974), ao conceber pedagogias decoloniais para as próximas gerações.

A produção do podcast neste percurso – utilizado como instrumento de avaliação – pode ser considerado um instrumento para pedagogias decoloniais. Pois não se reduz à avaliação como produto final e sim porque contempla todo o processo de construção do conhecimento dentro do contexto de nossos sonhos e ancestralidades. Gravar um episódio com um tema com o qual me identifico, fortalece a minha confiança de saber que posso experimentar ser eu. E quando assim sou, minha comunidade também pode começar a ser. Encontrar e estudar influências antirracistas é uma alegria, é produzir um trabalho acadêmico de maneira responsável e decolonial.

3.2 A percepção da realidade social e das influências da colonização no cotidiano – Isabella Pereira Yamamoto

É pelos estudos decoloniais que inicio a compreensão do meu papel de mulher branca na luta antirracista. Por ter vivido um processo de escolarização tradicional, fundada em uma concepção autoritária e centrada no professor, perpetuando a opressão, a desigualdade e reforçando estereótipos sociais; temáticas como racismo, gênero, feminismo, homofobia ou até sobre outras formas de opressão, injustiça e desigualdade não eram colocadas em pauta. Muitas vezes, as violências vividas na escola eram silenciadas sob o discurso da brincadeira, ou seja, naturalizam-se as opressões e favoreciam suas reproduções. Soma-se a isso o clima de racismo religioso, manifestado pela legitimação de uma única religião, o catolicismo, cujas práticas faziam parte da rotina escolar e eram inquestionáveis.

Com experiências de escolarização como bolsista em escola particular e ensino médio na rede estadual, reconheço a escola como um espaço rico em diversidade, histórias, vivências e trocas, pois “fazer da sala de aula um contexto democrático onde todos sintam a responsabilidade de contribuir é um objetivo central da pedagogia

transformadora” (Hooks, 2013, p. 56).

No decorrer dos três últimos semestres, estamos aprendendo a necessidade de desconstruir o padrão criado pela colonização, que afirma existir um único provedor do saber: o professor. Nesse padrão educacional tradicional, nota-se o limite de interação social entre os discentes, perpetuando a cultura da competição, além da inflexibilidade às necessidades individuais de cada um. A padronização das diferentes maneiras de aprendizado, com foco na memorização de conteúdo, é denunciada por Freire (1967), que chama tal processo de educação bancária. Manifestam-se as opressões dentro das escolas de diversas maneiras, principalmente em função da rigidez, da hierarquia e do autoritarismo, além do silenciamento das vozes discentes. Cada estudante, a partir do seu contexto social, político, econômico, cultural e espiritual, vivencia uma realidade completamente diferente. Padronizar o ensino é ignorar suas questões e manter o processo de colonização (Rufino, 2021).

A decoloneidade na educação deve se manifestar no conteúdo e na forma. Com Lélia Gonzalez como referência, a escuta, principalmente de mulheres negras, se fez como premissa para o diálogo em nosso percurso formativo. Escutamos as vivências e as compreensões de cada um acerca das leituras. E como estudante, finalmente pude conversar sobre os efeitos da colonização e a urgência de um novo caminho para a humanidade.

Lélia Gonzalez traz em suas palavras mundos diferentes dentro de sua vida, pessoal e acadêmica, ambas interligadas. Ela nos ensina a responsabilidade histórica de conhecer e reconhecer o racismo, para que num futuro (mesmo que distante e/ou utópico) o sistema colonial, forjado de progresso, não reprima e mate pessoas por conta de raça, gênero e classe. Pela primeira vez estudei um livro abordando religiões de matrizes africanas e não tive medo de falar sobre minha fé e ser criticada. Essas experiências fortalecem meu processo de conscientização e me mostram que posso ser eu mesma, sem a companhia do medo, tão bem criado pelas estruturas escolares tradicionais.

Com os estudos com foco na decolonialidade, processo político no qual o objetivo é desafiar e desconstruir as heranças do colonialismo e do imperialismo que persistem nas estruturas sociais, culturais, econômicas e políticas (Rufino, 2021), comecei a perceber como normalizamos a vida inteira as nossas referências coloniais

no nosso dia a dia. Os atores das novelas e filmes, os assuntos abordados com preconceito, a falta de representatividade, os corpos padrões, os feriados religiosos católicos, entre tantas outras coisas normalizadas na sociedade sem qualquer questionamento. Estudar decoloneidade me fez compreender que a escola deve ser espaço de afeto e escuta, espaço de conscientização dos privilégios e das opressões e criação de suas superações, “Eis aí um princípio essencial: a alfabetização e a conscientização jamais se separam” (Freire, 1968, p.5). A desconstrução dessa estrutura colonizadora é uma luta histórica. Requer força de vontade, leitura, pesquisa, conhecimento e reconhecimento de si mesmo e da realidade.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este relato se propôs a compartilhar as experiências e reflexões das autoras que viveram uma práxis pedagógica tematizada pelas obras de Lélia Gonzalez e pela abordagem decolonial no processo de formação inicial docente.

As narrativas das experiências das estudantes-autoras demonstraram a importância do aprofundamento teórico e prático na obra de Lélia Gonzalez, intitulada “Por um Feminismo Afro-latino-americano,” que pode ser utilizada como referência no processo de formação inicial de professores, constituindo-se como um importante tema gerador (Freire, 1974) para fomentar e orientar a compreensão de uma leitura crítica do mundo. O estudo foi indispensável na construção de uma identidade docente crítica, antirracista e feminista das estudantes, contribuindo para a superação das referências eurocentradas. Além disso, Gonzalez (2020) denuncia as dimensões do racismo e a perpetuação das violências coloniais, oferecendo caminhos para a superação das opressões. A referência teórica de uma autora negra brasileira representa a voz daqueles que enfrentam a violência estrutural fundada na colonização.

Lélia Gonzalez, uma mulher negra, militante, professora, escritora e pioneira no estudo do feminismo negro no Brasil, uniu ciência e política para denunciar e explicar o racismo e outras formas de preconceito que estruturam a sociedade brasileira, bem como seus efeitos nos processos de socialização e educação.

Ao reconhecer a importância do giro decolonial e de referências como Lélia

Gonzalez na formação docente, narrativas significativas passam a ocupar o currículo acadêmico, reivindicando a reparação histórica do silenciamento das narrativas e saberes colonizados. No processo pedagógico relatado, observa-se a ampliação e aprofundamento da compreensão do mundo por parte dos participantes, fundamentando-se na Pedagogia Libertadora de Freire (1967). Novas indagações e reflexões surgem do processo, envolvendo a compreensão da realidade social e histórica brasileira, bem como a conexão da obra com as histórias pessoais de vida.

Portanto, o relato destaca Lélia Gonzalez como uma referência importante para a conscientização de professores e estudantes em diversos contextos pedagógicos. Seus ensinamentos fortalecem a formação crítica de professores e são fundamentais para a estruturação deste relato, contribuindo para a compreensão de caminhos possíveis na superação do racismo e do sexismo presentes na sociedade por meio de vários processos de colonização.

No que diz respeito à produção da série de Podcast “Encontros Decoloniais”, entende-se a conexão com a prática durante o percurso formativo. A criação e gravação de episódios de podcast neste contexto levaram os participantes a envolverem-se na práxis, uma vez que discurso e ação são postos em jogo na produção do podcast como parte do processo avaliativo. Assim, ao longo do percurso formativo, experimentou-se a conscientização e a práxis, culminando na criação de um material em áudio disponível gratuitamente, compartilhando referências importantes para a valorização e compreensão aprofundada das epistemologias decoloniais e sua relação com a formação de professores. Dessa forma, o relato enfatiza a relevância das narrativas decoloniais, da práxis orientada pela Pedagogia Freireana e, sobretudo, da inclusão de Lélia Gonzalez como uma referência crucial no processo de formação crítica de professores.

REFERÊNCIAS

EDUCAST. Podcast. **Pedagogia Unimes**. Santos, 2022. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/34v5eKzvZUZzUMqjJQsd4K>. Acesso em: 08 ago. 2023.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1974.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano**: Ensaios, intervenções e diálogos. Rio de Janeiro. Zahar, 2020.

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional**: formar-se para a mudança e a incerteza. São Paulo: Cortez, 2001.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2. ed. São Paulo. Companhia das Letras, 2020.

MOUJÁN, Inés Fernández; CARVALHO, Elson Santos; RAMOS JÚNIOR, Darnival Venâncio. **Pedagogias de(s)coloniais**: fazeres e saberes. Goiânia: Econuvem, 2020.

RUFINO, Luiz. **Vence-demanda**: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.



Este conteúdo está licenciado sob uma [Licença Creative Commons BY-NC-AS 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/4.0/)